

Resenha

Interesses cruzados: a produção da cultura no jornalismo brasileiro
(GADINI, Sérgio Luiz. São Paulo: Paulus, 2009 – Coleção Comunicação)

Renata Escarião PARENTE¹

Parte do resultado da tese de doutoramento que Sérgio Luiz Gadini defendeu no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação na Unisinos, entre 2000 e 2004, o livro discute o modo como o jornalismo produzido pelos cadernos de cultura dos diários brasileiros participa dos processos e relações de instituição cotidiana da realidade cultural.

Uma realidade que, segundo o autor, “tem como bases de formulação um conceito de jornalismo; a identificação do que é apresentado como cultura pelos cadernos dos jornais diários brasileiros; a abordagem do processo de produção periodística brasileira e, em última instância, também do próprio campo da cultura”. (p.19)

Gadini teve a preocupação de discutir o jornalismo cultural brasileiro para além de rótulos de fácil caracterização, evitando a simplificação das relações do circuito midiático da cultura contemporânea.

No primeiro capítulo, *Pluralidade metodológica...Em busca de uma variedade de olhares*, o autor expõe a metodologia utilizada na pesquisa. Gadini conta que adotou da etapa bibliográfica a observação direta, além de entrevistas e questionários enviados a diferentes setores do campo cultural, levando em conta as análises e olhares de leitores, editores e assessores de imprensa das indústrias culturais, além de produtores culturais.

O pesquisador analisou cadernos culturais de 20 diários impressos, selecionados levando em conta tiragem, circulação, influência regional e nacional, bem como fatores relacionados a realidade econômica, política e cultural do país. Os 20 periódicos foram analisados entre os dias 8 (sexta-feira) e 19 (segunda-feira) de agosto de 2002, aproveitando dias de maior realização de eventos culturais que é o final de semana e um mês onde não há centralidade temática no agendamento midiático.

Gadini abre o segundo capítulo, *Cultura e Jornalismo como espaços de interação e visibilidade social*, abordando a cultura como produção social e delimita o que considera

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC/UFPB).

campo cultural. Conceitua cultura a partir de uma perspectiva construtivista buscando pensá-la “como uma construção contínua, um campo em disputa marcado pelas mais diversas formas de expressão e materialidades” (p. 36). Afirma que “a cultura estaria mais para expressões, situações e relações cotidianas da vida social” (p.38), configurando-se como uma construção histórica.

O autor também passeia pelos conceitos de jornalismo e aborda algumas teorias do jornalismo com ênfase na abordagem construtivista e na sociologia interpretativa do jornalismo. A partir de autores como Adelmo Genro Filho, Adriano Rodrigues, Gaye Tuchman e Miquel Alsina reforça um olhar sobre o jornalismo como construtor de sentido, de realidades e de um “mundo possível”, como capaz de reforçar a ordem existente ou criar novos sentidos.

Gadini aborda também a teoria marxista e a relação do jornalismo com o particular, o singular e o universal, além da sua manifestação enquanto forma de representação simbólica e atividade técnica. Trata da teoria do newsmaking e dos fatores que influenciam na produção, como o agendamento (agenda setting) e as rotinas produtivas, destacando que o jornalismo cultural está sujeito às mesmas pressões.

No terceiro capítulo, *Apontamentos sobre a noção de jornalismo cultural*, o autor inicia a discussão mais específica sobre jornalismo cultural e começa apresentando os conceitos trabalhados por autores como Maria J. Villa, Ivan Tubau, Jorge Rivera e José Luiz Martinez Albertos. A partir destes conceitos ele apresenta o jornalismo cultural como formado por uma base heterogênea e que “participa da instituição das relações, fatos e situações que formam o campo cultural contemporâneo” (p. 80).

Na opinião de Gadini, “Compreende-se aqui por jornalismo cultural os mais diversos discursos midiáticos orientados pelas características tradicionais do jornalismo – atualidade, universalidade, interesse, proximidade, difusão, clareza, dinâmica, singularidade, etc – que ao abordar assuntos ligados ao campo cultural, instituem, refletem, e projetam modos de ser, pensar e viver dos receptores, efetuando assim uma forma de produção singular do conhecimento humano no meio social onde ele é produzido, circula e consumido” (p.81).

Uma das observações mais importantes que o autor faz neste capítulo é quanto ao que acontece na editoria de cultura como tendência contrária ao que acontece em outras editorias no que diz respeito à separação de gêneros e à provocação de polêmicas.

Segundo Gadini, “podemos falar em um relativo abandono ou “esquecimento” de modelos tradicionalmente usados para separar a produção jornalística em gêneros como opinativo, informativo e interpretativo” (p.83). Os cadernos culturais seriam marcados pela pluralidade de gêneros e de vozes, o que os instituíram como um campo polêmico.

O autor conclui também que há uma formatação cotidiana da cultura pelo que entra ou não nas páginas dos cadernos culturais. O processo de agendamento forjaria “comportamentos de consumo, adesão e leitura” se legitimando como “um mecanismo que participa da instituição cotidiana do campo cultural na contemporaneidade” (p. 84).

No capítulo *O jornalismo e a instituição cotidiana do campo cultural*, o autor procura nortear uma delimitação de características para os campos cultural e jornalístico, a relação entre eles e suas autonomias. Os conceitos são baseados principalmente nas ideias do sociólogo francês Pierre Bourdieu.

O autor defende que o jornalismo é um elemento instituinte do campo cultural contemporâneo por atribuir a ele maior visibilidade. Gadini usa uma definição de Bourdieu para campo jornalístico: “O campo jornalístico é o lugar de uma lógica específica, propriamente cultural, que se impõe aos jornalistas através de restrições e dos controles cruzados que eles impõem uns aos outros e cujo respeito (por vezes designado como deontologia) funda as reputações de honorabilidade profissional” (p. 110). O campo jornalístico agiria sobre os demais campos e todos os campos de produção cultural estariam sujeitos as limitações estruturais do campo jornalístico.

O quinto capítulo do livro, *A cultura como notícia no jornalismo brasileiro*, é destinado a um panorama histórico do desenvolvimento da imprensa no Brasil e do surgimento e consolidação do jornalismo cultural nesse contexto. Segundo o autor, o modo como a cultura passa a ser representada nos diários impressos tem relação com o papel de agente integrador que a imprensa vai assumindo no processo de construção cotidiana das relações que configuram o campo cultural, fortalecendo este campo no país.

Gadini faz um estudo histórico da comunicação com base não em um olhar político, mas em um olhar cultural, observando o modo como o jornalismo cultural brasileiro contemporâneo participa da formação do próprio campo cultural. Ele abre o capítulo destacando que a formação de um público consumidor está associada à modernidade, ao crescimento da urbanização e desenvolvimento do capitalismo industrial, assim como da indústria cultural.

No Brasil esse processo tem início a partir do século XIX com a chegada da família real, tendo a cidade do Rio de Janeiro como referência cultural urbana. É nesse período que surgem os periódicos no Brasil - incluindo as revistas - onde as temáticas culturais tem espaço apenas no campo literário, com publicação de poesias, resenhas, novelas e contos publicados no final de semana.

A confusão entre imprensa e literatura se prolongaria até o início do século XX, quando há, de fato, a formação a consolidação da imprensa nacional. A cultura adquire mais importância nas páginas diárias neste momento também, a exemplo do tratamento recebido no Correio da Manhã, criado em 1901. É na virada do século XIX para o XX que as revistas também se consolidam.

Até 1930-1940 destacam-se os folhetins novelescos, ancorados nos quais os suplementos são criados e trabalhados de maneira mais sistematizada, com edição mensal, quinzenal ou semanal, para veicular produções literárias para complementar as edições jornalísticas.

A partir da década de 40 pode-se considerar a presença de atividades vinculadas a uma cultura popular de massa no Brasil. “O crescimento da radiodifusão impulsiona a formação de um público consumidor da música, através de espetáculos ao vivo, programas de auditório, humor e produções musicais em todo o país” (p. 157).

O autor destaca as décadas de 40 e 50 como os momentos de incipiência de uma sociedade de consumo no Brasil. Especialmente a década de 50, por registrar importantes transformações na mídia. É aí que se fortalecem os suplementos literários e que surge a maioria dos cadernos culturais. Foi na década de 80 que o modelo de jornalismo cultural que conhecemos teria sido instituído, com o que Gadini chama de ‘modelo de cadernização’ dos diários brasileiros e o surgimento dos cadernos diários de cultura.

Debruçando-se sobre a análise dos 20 diários que compõem a pesquisa, Gadini aborda no sexto capítulo as principais características que perpassam estes periódicos, observando que para além das peculiaridades de cada um, possuem estruturas editoriais comuns que caracterizam a produção cotidiana dos cadernos culturais do país independente do local onde são produzidos.

O autor identificou que os principais jornais do país apresentam na estrutura editorial dos seus cadernos culturais: matérias jornalísticas, crítica cultural, coluna social,

serviço e roteiro com destaques das programações culturais locais, além de guia ou programação da TV, e variedades.

Assim, Gadini identifica que: “Com uma perspectiva de informação mais assumidamente interpretativa, as matérias publicadas nos cadernos culturais se aproximam, por um lado, das reportagens de revistas semanais, e por outro, da estrutura de análise cultural (crítica), sem desconsiderar o caráter da informação – na maioria dos casos com lead e a preocupação com atualidade e o gancho factual informativo – nem a lógica de serviço ao usuário/consumidor”. (p. 199)

O colunismo social, as programações de TV e as agendas culturais ocupam, na análise de Gadini, maior parte do espaço desses cadernos (50%). 10% estaria destinado a variedades, restando apenas 40% para a publicação de matérias jornalísticas e críticas culturais. Na maioria dos casos esses textos são ensaísticos, com um caráter mais de comentário que de crítica.

O autor abre o capítulo sete, *Além da informação e do consumo: o jornalismo cultural como sinônimo de interpretação e crítica*, afirmando que falar em jornalismo cultural é falar em crítica e ao longo das páginas analisa a colocação da crítica no jornalismo cultural brasileiro. Ele destaca ainda que a crítica não se dissocia da divulgação e do caráter de serviço que marcam a produção no campo cultural e se constitui em um dos elementos essenciais do jornalismo contemporâneo.

É na passagem do século XVIII para o século XIX que a crítica se consolida nos jornais brasileiros, associada a urbanização e a transformação do espaço público, deixando os limites dos círculos nobres para assumir um caráter educativo através dos periódicos do emergente mercado literário.

Segundo o autor, já no século XX a atitude crítica passa a ceder espaço para a prestação de serviço - após a Segunda Guerra - quando o modelo americano é adotado como referência no jornalismo brasileiro. É nesse período que a crítica sai exclusivamente dos suplementos de final de semana para ocupar as páginas diárias das editorias de cultura de jornais de todo o país.

No mesmo capítulo, no tópico *Jornalismo: crítica ou servilismo (cultural)?*, Gadini usa Daniel Piza para criticar o “Clubismo” (elogiar mais que analisar criticamente) (p.262) e a “penúria na crítica brasileira” e apontar a importância da crítica no jornalismo cultural.

O autor conclui que “Os cadernos culturais, então, embora mantenham críticas em suas páginas, tornaram-se espaços, por excelência, de uma megacrítica – numa representação editorializada de poucos fatos e atividades – que acaba por assumir um efeito de interagendamento coletivo em virtude da presença sistemática de mesmas fontes, marcas, e produtos tematizados, impulsionado também pela incorporação de um caráter mais publicitário que jornalístico, na medida em que a divulgação dessas mesmas produções nem sempre é marcada pela informação, mas antes e prioritariamente pela força mercadológica” (p. 265).

Gadini defende que o exercício da crítica cultural precisa romper os círculos fechados para ganhar adesão da sociedade civil organizada.

Encaminhando-se para as considerações finais, Gadini aponta no oitavo capítulo, *O jornalismo cultural na era da indústria do entretenimento*, a tendência - no jornalismo cultural brasileiro contemporâneo - a redução do campo cultural ao entretenimento com o sentido de diversão e passatempo.

“Assim é que, sob o pretexto de explorar a informação como serviço, notícia se converte em entretenimento, priorizando a tematização e o agendamento de atividades, eventos e programas que visam a diversão do seu público” (p. 270), comenta o autor como sendo este o primeiro aspecto desta tendência.

O segundo aspecto seria a associação do entretenimento à publicização da vida privada e ao personalismo, e o terceiro a tradição do colunismo social presente no jornalismo brasileiro. Segundo Gadini, os três aspectos sintetizam a tendência, cujo principal problema é reduzir as várias dimensões do jornalismo a espetacularização e a lógica do entretenimento.

Tal tendência teria começado após a Segunda Guerra quando a indústria hollywoodiana do cinema se expande para vários países do mundo, influencia que se consolida no Brasil na década de 1990. De acordo com o autor, o fortalecimento da penetração televisiva teria sido fundamental para fortalecer no Brasil essa tendência, com intensificação ainda maior após o advento das novas tecnologias da comunicação.

Assim, o principal desafio do jornalismo cultural brasileiro seria “buscar formas de abordar a cultura como um campo de tensões, conflitos e projeções dos modos de viver, pensar e agir dos grupos humanos” (p.280).

Nas considerações finais da obra, Gadini elenca o que chama de “lógicas na produção do jornalismo cultural brasileiro”, com características marcantes e comuns aos cadernos culturais dos periódicos estudados.

Entre as “lógicas” produtivas elencadas estão: a pressão das relações econômicas (mercado); obsessão pelo furo na corrida contra a concorrência; o tratamento da cultura como mero entretenimento; uso de matérias de agências, mas produção própria das matérias principais com esforço editorial por fazer a diferença; preocupação com características da tradição periodística, como polêmica e pluralidade; conivência ou silenciamento por parte dos produtores e agentes culturais quanto as opções editoriais dos periódicos por medo de retaliação.

Também estão entre as lógicas produtivas: veículos que por mais que se digam nacionais não atingem tal abrangência; interferência das relações privadas dos profissionais no que é publicado; preferência pelo que é factual e vulnerabilidade quanto a pressão das assessorias de imprensa. O autor destaca ainda que há uma tendência a padronização no jornalismo contemporâneo, com pautas que não se diferenciam fruto da corrida contra o furo.

Gadini fala de uma suposta crise do jornalismo cultural desde a década de 1990 e assume que “De fato, ousadia, sustentação teórica e independência do que outrora se entendia por crítica cultural está cada vez mais distante da lógica de serviço e agendamento que, em boa medida, parece predominar nas páginas dos diários e semanários em circulação do país” (p. 301). No entanto pondera se se trata mesmo de uma crise, questionando se não seria uma das transformações no jornalismo brasileiro como forma de se adequar à lógica da comercialização das produções no campo cultural.

Gadini encerra a última parte refletindo que reduzir a cultura ao entretenimento pode ser uma forma de contribuir com o enfraquecimento da cultura como expressão múltipla e plural, onde se situam a busca e a referência da cidadania.

Observamos que na introdução o autor apresenta como constatação da sua pesquisa que há “a ausência de um estudo mais consistente e sistemático sobre o jornalismo cultural brasileiro, que considerasse a diversidade tanto na produção cultural quanto periodística do país, ou mesmo que se preocupasse em compreender, e não apenas em qualificar, a produção jornalística no campo cultural” (p.19).

E é no sentido de enveredar por um caminho que supra essa ausência que o trabalho do autor contribui para os estudos na área, quando ele abarca as principais características desses diários com uma visão crítica que nos permite entendê-los como participantes e interventores na vida cultural cotidiana através do modo como pautam a cultura em suas páginas. Assim, Gadini chama a atenção para a importância da prática jornalística e sua função social, e para o papel que os segmentos sociais e profissionais cumprem nesse processo, deixando claro como o entrelaçamento de relações contribui para a conformação do cotidiano que compartilhamos.